

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

TUWILÊ JORJE KIN BRAGA

TRAVESSIAS E GRAFIAS: 5ª CONANE CAIÇARA

MATINHOS

2022

TUWILÊ JORJE KIN BRAGA

TRAVESSIAS E GRAFIAS: 5ª CONANE CAIÇARA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de PÓS-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial a obtenção do título de Especialista em Educação.

Orientadora: Profa. Esp. Valéria Aparecida Bressiaini

MATINHOS

2022

RESUMO

O presente trabalho trata sobre a arte expressa por meio do graffiti e o letramento racial na representação da corporalidade negra no Brasil, objetivando enxergar como as relações raciais modelam o território e como elas são delineadas pelo campo terreno da humanidade, buscando por um conjunto de práticas antirracistas. Valorizando o aspecto intergeracional, a arte expressa em graffiti, foi realizada durante a apresentação da 5ª Conane Caiçara, na UFPR – Litoral, representando a figura feminina negra de Dandara de Palmares e sua luta histórica em relação as comunidades quilombolas pela libertação dos povos negros e pelo reconhecimento de seus territórios. Utilizando a metodologia de Paulo Freire, a gratitagem decorreu por meio de de roda de conversa tendo a participação de crianças, e jovens da comunidade de Matinhos, proporcionando houve um intercambio de saberes entre os atores participantes.

Palavras-chave: Graffiti. Letramento Racial. Corporalidade. Comunidade.

TRAVESSIAS E GRAFIAS : 5ª CONANE CAIÇARA

Tuwilê J.K Braga

A 5ª CONANE CAIÇARA iniciou muito antes de meu corpo adentrar ao território de Matinhos. Muito antes de sentir a briza dos mares do sul, já estava eu, e minha mente, em uma articulação de movimentos para contribuir no processo do encontro e, também, em uma reflexão metodológica que possibilitasse a materialização do meu projeto/sonhos com o evento. Dar signos e significados que conseguissem convergir minha trajetória com as territorialidades que iriam estar presentes no Conane, era um ponto crucial na minha construção prévia para a CONANE.

Desta forma, a linha escolhida para costurar meu projeto/sonho com o evento, foi o Graffiti. Não poderia ser diferente, já que, é desta forma de arte que surge na década de 70 nos bairros negros da periferia de Nova York que meu projeto se nutre e organiza-se. Assim, pensei em uma proposta de atividade que, a partir do graffiti, produzisse uma pedagogia enegrecida para o enfrentamento ao racismo. Ou seja, a partir da arte que usa o spray como ferramenta de expressão, produzir na CONANE um letramento racial para jovens que vivem na cidade de Matinhos.

O letramento racial é um processo de alfabetização e conscientização sobre o racismo no cotidiano da população Cria, para aquele que está sendo letrado, uma desconstrução de estereótipos que, produzidos por um racismo estrutural, convive no dia a dia de pessoas negras, mas também não negras. Para este letramento racial a partir do graffiti, escolhemos a imagem da guerreira Dandara de Palmares¹ como conexão para o processo de valorização da corporalidade e também da história do povo negro brasileiro.

A escolha de Dandara permitia trazer a discussão de gênero atrelado à questão racial, presente na figura da mulher negra, mas, também, da luta histórica das comunidades quilombolas pela libertação, mas, também, pelo reconhecimento de seus territórios.

¹ Dandara foi uma das principais guerreiras do quilombo de Palmares, que lutou no período colonial pela libertação da escravidão

Escolhido aquela que iria representar e grafar reconhecimentos de um povo, agora era hora de ir para o Sul e consolidar a proposta.

Decorrente de alguns entraves no caminho para o sul², acabei chegando apenas na Quinta-feira pela noite. Este fato acabou afetando o cronograma de produção da imagem da Dandara que seria feito pela técnica de Stencil³. Apesar deste atraso, recoloquei o momento de construção do stencil para a sexta-feira, tendo o domingo separado para ação pedagógica de letramento racial. Outro ponto negativo deste atraso é que, decorrente ao longo processo de criação do material didático usado para fazer o graffiti, e stencil, tive uma presença esporádica em grande parte das palestras, podendo estar em alguns momentos surgidos entre o processo de comprar material, produzir o stencil e pintura no muro. Apesar disso, a temporalidade única proposta pelas organizações da Conane permitiu “gingar” sobre a tempo/lógica do trabalho/capitalismo, o que resultou em momentos significativos de reflexão vindo de pausas que permitia escutar falas que ecoavam do auditório ou mesmo musicalidade vinham das múltiplas salas que davam vida para o encontro e permitiam mais “gás” para a criação de Dandara.

Sobre esses movimentos únicos sentidos ao longo das oportunidades dos momentos de pausa do stencil pude conversar com produtores do MST e conhecer um pouco mais da feira orgânica da região. Conheci e senti colegas da Ane, que antes eram apenas “telinhas” que ocupavam a tela do meu computador nos sábados de encontro. Sentir e me reconhecer nas rodas de conversas sobre Paulo Freire. Reconheci e li nos graffiti que eram feitos nos muros da UFPR a potência do movimento partir de grafiteiro e grafiteira da região. Li e percebi a força de Alex Catador em cada palavra ecoada no ar que pude captar mesmo de longe onde, atento, me alimentei de sabedorias.

A sexta Feira foi de sabedorias mas também de estratégia com o tempo pois foi a primeira vez que produzi três folhas de stencil, de mais de 3 metros, em menos de 24h. Não fiz só. Com ajuda da Liliane e da Mirella consegui cortar todos os papéis a tempo de ir para a festa junina no sítio.

O Sítio possibilitou, depois de tantos anos sem encontro, a partilha do afeto. Eram sorrisos, comidas, bebidas, danças e fogueira, um conjunto de elementos que aqueciam os corações que ocupavam aquele espaço.

² Acabamos pegando um grande engarrafamento no caminho entre São Paulo e a cidade de Matinho.

³ São “moldes vazados” com uma imagem para reprodução no muro.

O sábado estava mais frio que os dias anteriores, apesar disso, a vontade de desenvolver a materialização de um projeto/sonho reduziu toda a sensação térmica que se apresentava pela manhã. Olhar para o muro, que ainda não se apresentava com um livro que deveria ser lido e transformado numa possibilidade para desconstruir estereótipos sobre o corpo negro, produzia em mim, naquela manhã em Matinhos, uma mistura de sentimentos que alimentavam o meu desejo de receber os/as jovens da região para ,junto comigo, grafitar a potencia re-existente dos/das quilobolas do Paraná, em forma de Dandara.

Logo pela manhã recebi as crianças do projeto da Associação Vila Nova. Este projeto que tem como objetivo acolher crianças da região de Matinho que estão em estado de vulnerabilidade, evolve-se completamente com a proposta do grafitar de Dandara.

Iniciamos a partilha de conhecimento com uma conversa inicial sobre a história do Graffiti(Imagem 1 e 2). A proposta desta primeira abordagem é construir um vínculo histórico do movimento que aconteceu na década de 70 com aquele que aconteceu nas paredes da UFPR. Esta aproximação é importante para não descobrimos a origem do movimento Hip-hop com a ação que estávamos dando vida. Nestes primeiro passos, foi utilizado inúmeras estratégias pedagógica para que as crianças, com diversas temporalidades, compreendessem o qual significante era(e é) o ato de fazer graffiti. Foi uma troca de olhares e palavras deram vida uma contação de história que alinhava-se com a vida daquelxs pequenxs.

Imagem 1



Imagem 2



Na frente do muro(Imagens 3 e 4), foi desenvolvido um diálogo que elaborou a prática de pintar com a proposta de transformação, que existe na cultura do Graffiti. Neste segundo momento, tive que dar destaque a técnica de pintura(melhora forma de segurar no rolo, paletas de cores, velocidade de passagem de tinta e orientação de pintura). Como havia crianças com deficiência, tive que ter produzir também uma linguagem acessível e didática . Foi um momento único de interação com as crianças e elas com o ato de pintar. Uma conexão que criou, nessa segunda etapa, uma mistura de sentimentos que atrelava-se com as cores que eram passadas, mão a mão, para a parede que aos poucos tomava vida.

Imagem 3



Imagem 4



A terceira parte da grafia contou com a participação e ajuda dxs amigoxs de São Paulo que vieram comigo para o Sul. Era o momento de marcar o Stencil de mais de 3 metros, produzido no dia anterior, na parede. O papel, na forma de stencil, é elemento vivo. Carrega uma memória afetiva e é capaz de narrar histórias a partir de suas frestas que, combinadas

com a tinta de spray, se transformam em uma ferramenta pedagógica para re-criar representações. Naquele dia, o vento fazia desta folha de papel um corpo em constante movimento o que, para nós que estávamos na mediação para fazer ele se comunicar no muro, criava um desafio. Entretanto, este desafio só alimentava mais nossa(e de todxs que observavam) vontade de saber o que aquelas folhas de papel iriam deixar grafado no muro.

A quarta parte da materialização do projeto/sonho de Dandara, foi o que chamo de bombardeio de cores-vidas onde, a partir de uma diversidade de paletas de cores vou fazendo o fundo e traçando um diálogo sobre a importância de ter cor-age em nossa trajetória. Nesta etapa, também vou riscando detalhes dando forma e volume a imagem sobre o muro. Neste momento também vieram outras crianças que se aproximaram pelas formas que estavam tomando todo o muro, destaque para Vinícius que mergulhou fundo sobre as cores e produziu parte deste bombardeio (IMAGEM 5).

Imagem 5



A quinta(imagem 6) parte se apresentou como a costura entre o Stencil e o muro. É um dos momentos mais sensíveis deste processo de desenvolvimento do projeto pois construi a expectativa de saber como será a finalização do desenho. Exige uma concentração fundante

para que consigamos preencher todos os vazios cortados no Stencil. Um detalhe pode afetar a percepção da imagem e por isso, essa costura, baila não somente com a parede como também com a minha energia.

Imagem 6



A Sexta e última parte, representou a materialização do processo de dar vida a Dandara. A elaboração da totalidade do diálogo entre o muro e as pessoas que passam por ele. A

potencialidade da grafia foi traduzida nos comentários daqueles que vinham conversar comigo ao longo desta última etapa trazendo suas percepções sobre o que viam e sentiam. Perguntavam e refletiam sobre Dandara. Da reflexão, construíram críticas sobre as territorialidades negras da região; falavam sobre as comunidades quilombolas e da história da luta negra no Paraná. A representação produziu debate sobre as relações raciais no Brasil; trouxe pedagógicas sobre as belezas da corporalidade negra mas, sobretudo, sobre a importância da existência dos corpos negros nos espaços de poder e do saber. A representação movimentou ações sobre e dentro do espaço da UFPR e recriou diálogos sobre diversos grupos e comunidades que dão múltiplas narrativas sobre o Paraná.

Imagem 7



Conclusão:

Imagem 8



“Quilombolas somos Quilombolas”(Imagem 8) foi um painel de graffiti produzido para criar narrativas pedagógicas sobre a guerreira Dandara. Elaborado de forma que dialogasse teoria e prática, o painel teve um longo processo para ser criado.

Ao escolher da **5ª CONANE CAIÇARA** como lugar para desenvolver aquilo que chamei de projeto/sonho foi assertiva pois culminou na elaboração de escritas e pensamentos fomentados ao longo do meu curso da ANE. Este curso que amadureceu esse projeto/sonho foi fundamental para desenhar caminhos que tirasse do coração e levasse para ação um projeto que pensasse a cultura do graffiti como um fator pedagógico para jovens do Brasil e do mundo.

Entendo que, como todo projeto, está sucessivo a acertos e falhas mas, como diria Paulo Freire:” O caminho se faz caminhando”, em nosso caso, o graffiti se fez grafitando e é a partir desta grafias que podemos desenhar o mundo que acreditamos.